

Editorial

A segunda edição da Revista Simbiótica continua nas trilhas do pensamento plural, multiforme, polissêmico. Tendo em vista as várias possibilidades na formação humana e a necessidade de fomento às diversidades e seus entrecruzamentos, reafirmamos nossos objetivos de democratizar o acesso ao universo da produção científica, artística e cultural. A Simbiótica, um espaço aberto, de incentivo aos hibridismos temáticos, destina-se à academia e à sociedade.

Nesta edição, a Simbiótica traz aos leitores artigos de diferentes áreas e localidades, como o trabalho de Jayme Karlos Reis Lopes, intitulado *“El gran abrazo liberal: Una perspectiva histórica y política sobre las dinámicas de construcción del sector de producción y distribución de energía eléctrica de Brasil en el siglo XX”*, que versa sobre os impactos da eletricidade no desenvolvimento de novas tecnologias e do crescimento industrial do setor, por meio da análise de alguns dos contextos políticos e ideológicos que produziram essa indústria no Brasil. Outro trabalho internacional é o de Franziska Schwantuschke: *“Genuszuweisung von Ad-hoc-Entlehnungen: eine linguistische Untersuchung kubanischer Migranten in Berlin”* (*“Atribuição de Gênero de empréstimos culturais Ad-hoc: um estudo linguístico de imigrantes cubanos”*). A autora apresenta um estudo sobre a atribuição do gênero aos substantivos em alemão e espanhol. Dada a co-existência das duas línguas entre os imigrantes cubanos na cidade de Berlim, a autora analisa os diversos aspectos de uma possível mistura destes idiomas a partir de teorias linguísticas existentes. Para tal, introduz as teses linguísticas e as confronta com uma abordagem empírica, que tanto pode responder as perguntas propostas como também fomentar estudos mais amplos.

Inseridos na temática ampla do pensamento social brasileiro, temos o trabalho de Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro, *“Grandes intérpretes do Brasil. Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: uma perspectiva panorâmica”*, que analisa as contribuições desses intelectuais na interpretação do Brasil, e o trabalho de Vinícius Rodrigues Zuccolotto, *“O culturalismo de Freyre versus a persistência dos determinismos de raça e clima na formação social Brasileira: uma reflexão a partir de Casa Grande & Senzala”*, que objetiva

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

lançar reflexões sobre as ideias de Freyre acerca da formação social Brasileira, mostrando como o autor, ainda que culturalista, não abandona totalmente conceitos deterministas como raça e clima em seu pensamento.

Seguindo a apresentação sumária da secção de artigos da segunda edição, temos o trabalho em parceria de Filippe da Silva Guimarães e Celeste Ciccarone, *“Para além das fronteiras nacionais: o milho como agência nas histórias sociais”*. Para os autores, a delimitação de contribuições antropológicas e epistemológicas das obras tidas como folclóricas-literárias-míticas, na compreensão do desenvolvimento do pensamento social brasileiro, nos ajudará a relacionar melhor as dicotomizações estabelecidas pelas formas de colonialidade do poder para além das fronteiras dos Estados nacionais. As representações históricas que relacionam o milho a esforços intelectuais e de compreensão humana funcionariam com propósito expositor e operacional específico. Também em parceria, Adelia Miglievich Ribeiro, Antônio Carlos Rocha de Souza e Marcus Vinícius Gasperazzo apresentam *“O empenho epistemológico pós-colonial e o ponto de vista subalterno em Darcy Ribeiro”*. A partir de estudos pós-colônias, os autores propõem um diálogo entre a vertente latino-americana do pós-colonial, chamada modernidade-colonialidade, e Darcy Ribeiro, para que seja possível narrar, a partir do Terceiro Mundo, a história do povo brasileiro.

Refletindo sobre a sexualidade na terceira idade, Mirela Berger apresenta parte de seu estudo de pós-doutorado, *“A vida enquanto figura e o envelhecimento enquanto fundo: desejo, erotismo e sexualidade em mulheres maduras”*, pensando no seguinte nó teórico: por um lado, a sexualidade tem sido alardeada como fundamental para um bom envelhecimento, por outro, torna-se um discurso normativo que associa velhice saudável com sexualidade, o que, além de criar a imagem de uma idosa ideal – aquela que tem vida sexual ativa – responsabiliza e culpabiliza as mulheres que não aderem a este modelo.

Já na secção temática de Ensaio, Matheus Henrique Triunfo Costa traz, em *“Jogo de Espelhos”*, interessantes conexões entre as considerações deleuzianas e as reflexões de Sartre acerca do sentido da alteridade, partindo de um texto de Deleuze que se debruça sobre a releitura de Michel Tournier do clássico Robinson Crusoe, a fim de explorar as implicações da (in)existência de outrem. Na categoria Críticas, Claudio Marcio Coelho

provoca os leitores com sua análise indiciária sobre *“Os Sherlockismos de Gilberto Freyre”*: um paralelo instigante entre o intelectual pernambucano e o excêntrico personagem-detetive Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle. Na crítica teatral *“O espetáculo dos Sonhos”*, Duilio Kuester discorre sobre a peça *“Sono e Sonhos”*, do Grupo Rerigtiba de Teatro, e sua experiência-crítica como espectador.

Na crônica reflexiva de Erly Alexandrino da Silva Neto, *“Nossa pequena faixa de Gaza cotidiana”*, o autor nos mostra “em que limite o discurso político-ideológico esbarra no impossível determinado pelas contingências do real”: uma reflexão sobre nossos autoritarismos cotidianos na relação com o outro. Corroborando esse ensejo crítico, Gleydson da Silva, em *“Dia bom é dia de Natal”*, inquieta os leitores com uma crônica muito distante das contruções românticas comuns aos vinte e cinco de dezembro.

Na secção dos trabalhos imagéticos, Flávia Marcarine Arruda e Thayla Fernandes da Conceição apresentam no ensaio fotogrático *“Aquilo que um dia fomos e aquilo que hoje somos”*, um inteligente ensaio de antropologia visual acerca da dinâmica cultural na China de hoje, para capturar o contraste entre o tradicional e o moderno. Em *“Desalento”*, Maria Eduarda Caseira Gimenses leva o leitor a parar por um instante, assim como clama a simplicidade aparente e a reflexividade latente de sua fotografia, para pensá-la conjuntamente com o poema ora apresentado.

E completando o espírito poético, com versos como “Matou o amor em si, profundamente... Vive-se apenas uma vez, para sempre”, Deivison Souza Cruz apresenta a intensidade da vida, no belo poema *“Soneto para uma vida única”*.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

Marcelo de Souza Marques
Secretário - Diretoria Executiva